

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO - ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**FABIANO MUNIZ DE MELO**

**A ELUCIDAÇÃO EM MARX DA OBLITERAÇÃO DA ESSÊNCIA DO MODO DE  
PRODUÇÃO CAPITALISTA: A QUESTÃO DO CAPITAL PRODUTOR DE JUROS**

**Florianópolis**

**2011**

**FABIANO MUNIZ DE MELO**

**A ELUCIDAÇÃO EM MARX DA OBLITERAÇÃO DA ESSÊNCIA DO MODO DE  
PRODUÇÃO CAPITALISTA: A QUESTÃO DO CAPITAL PRODUTOR DE JUROS**

Monografia submetida ao curso de Ciências  
Econômicas da Universidade Federal de  
Santa Catarina, como requisito obrigatório  
para a obtenção do grau de Bacharelado.  
Orientador: Prof. Dr. Armando de Melo Lisboa  
Co-Orientador: Prof. Dr. Idaleto Malvezzi Aued

**Florianópolis**

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

A Banca Examinadora resolveu atribuir a nota 10,0 ao aluno Fabiano Muniz de Melo na disciplina CNM 5420 – Monografia, pela apresentação deste trabalho.

Banca Examinadora:

-----  
Prof. Dr. Armando de Melo Lisboa

-----  
Prof. Dr. Idaleto Malvezzi Aued

-----  
Prof. José Antônio Martins

**Florianópolis**

**2011**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, professor Dr. Armando de Melo Lisboa, por quem tive o privilégio de ser orientado. Por sua contribuição para o processo de construção da monografia e por ter confiado em minha capacidade.

Ao meu co-orientador, professor Dr. Idaletto Malvezzi Aued, a quem jamais conseguirei expressar minha imensa gratidão e honra de tê-lo como mestre e amigo. Por toda sua dedicação e apoio no processo de construção desta pesquisa, sempre confiando na minha capacidade. Que com sua experiência e paciência, me incentivou durante a execução de todo o trabalho, sempre disposto a sanar minhas dúvidas.

A minha esposa por seu interesse na minha pesquisa, sua disposição em me auxiliar e por suas preciosas sugestões, pela paciência em me auxiliar na formatação de todo o trabalho e por suportar meus momentos de intensas reclamações e irritação. Por me apoiar e incentivar compreendendo minha ausência com bom humor.

A minha família, pelos momentos de compreensão e carinho que possibilitaram que a concretização deste trabalho se fizesse de maneira não muito turbulenta.

Aos meus amigos Ricardo e Cyrus, por compreenderem minhas dificuldades e por me ajudarem com suas brincadeiras e palavras de incentivo para concluir este trabalho.

Ao meu grande amigo Luiz Fernando e minha amiga Estela, por suas sábias considerações, sempre bem colocadas.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha vida nesse momento especial, que representa uma conquista pessoal e profissional.

## RESUMO

Este trabalho propõe-se a resgatar o entendimento de Marx sobre a essência do modo de produção capitalista, com especial atenção a questão específica do capital produtor de juros, procurando adentrar na elucidação da obliteração da essência do modo de produção capitalista, explorando as suas formas e seus vínculos internos, bem como a crítica do Marxismo à visão econômica vulgar. Marx concebe uma interpretação distinta do modo de produção capitalista. Na interpretação do autor é possível distanciar-se das aparências enganosas do modo de produção capitalista, possibilitando uma aproximação adequada de debates vitais dentro do marxismo, como a questão do capital, sua relação com a força de trabalho, as formas e fontes da riqueza, sendo estes os conceitos verificados de forma mais intensa no desenvolvimento desta pesquisa.

**Palavras-chaves:** capital, aparência, essência

## ABSTRACT

This work it looks for to understand of Marx on the essence capitalist production model, with special attention the specific question of the producing capital of interests, looking for to in the briefing of the obliteration of the essence capitalist production model, exploring its internal forms and its bonds, as well as the critical one of the Marxism to the vulgar economic vision. Marx conceives a distinct interpretation capitalist production model. The interpretation of the author he is possible to itself of the lie appearances in the capitalist production model, making possible an adequate approach of vital debates inside of the marxism, as the question of the capital, its relation with the work force, the forms and sources of the wealth, being these the verified concepts of more intense form in the development of this research.

**Key-words:** capital, appearance, essence

## SUMÁRIO

<u>3.1 Geral.....</u>	<u>10</u>
<u>3.2 Específicos.....</u>	<u>11</u>

## 1. INTRODUÇÃO

Na atual perspectiva das relações mundiais, podem ser realizadas inúmeras reflexões sobre as relações sociais existentes. Observando o cenário econômico presente verifica-se uma enorme acumulação da riqueza nas mãos de um grupo minoritário, situação contrastante com a deterioração das condições de vida de grande parte da população do planeta, o que

permite o questionamento do nível de associação desses eventos com as relações capitalistas vigentes.

Além da observação desse cenário de profunda desigualdade na apropriação da riqueza, desenvolvem-se processos que permitem a constante dinamização deste quadro. Lênin (1987) observa a ocorrência de uma crescente escalada na fusão ou junção das instituições financeiras, dos mercados financeiros com a indústria rumo a consolidação da eficiência plena do capital. O capital financeiro firma-se como integrante essencial do estágio atual onde às instituições financeiras ou os mercados financeiros “têm como grande atribuição captar e transformar capital-dinheiro inativo em capital ativo, isto é, em capital que rende lucro; reúnem toda a espécie de rendimentos em dinheiro e colocam-nos à disposição da classe capitalista.” (Lênin, 1987, p.30). Este processo compreende a evolução de relações que permitem fomentar de forma exponencial a reprodução e a apropriação da riqueza por parte de seus agentes.

O processo de entendimento da sociedade sob o regime do modo de produção capitalista passa pela compreensão das relações sociais existentes dentro desse regime. Karl Marx encontra-se entre os maiores pesquisadores e pensadores do desenvolvimento das ciências econômicas. Em uma de suas principais obras “O rendimento e suas fontes: a economia vulgar”. Marx fez uma análise elaborada de questões importantes do modo de produção capitalista. Para Marx, uma questão decisiva para o entendimento do sistema capitalista reside na obliteração da essência do modo de produção capitalista, em especial, o capital produtor de juros.

Assim, o presente trabalho propõe-se a pesquisar as relações endógenas do modo de produção capitalista, com especial atenção a questão do capital produtor de juros. A pesquisa baseia-se nos estudos de Marx de forma a desvelar a essência e a coerência do modo de produção, afastando-se das aparências que este modo apresenta.

A busca científica da análise profunda das especificidades do modo de produção capitalista pressupõe a penetração na essência dos fenômenos investigados. O método de Marx, orientado para o esclarecimento das relações causais internas dos processos econômicos do capitalismo, permite a abstração das aparências enganosas dos fenômenos econômicos, e acaba por mergulhar com intensa profundidade no processo de conhecimento das relações de produção e reprodução das condições sócio-econômicas do capitalismo.



## **2. TEMA E PROBLEMA**

Este trabalho propõe-se a resgatar o entendimento de Marx sobre a obliteração da essência do modo de produção capitalista, com especial atenção ao capital produtor de juros, explorando as suas formas e seus vínculos internos, bem como a crítica do Marxismo à visão

econômica vulgar. Marx considera a economia vulgar como a tradução doutrinária e apologética do ponto de vista da facção dominante do processo, dos capitalistas.

A iniciativa de abordar uma revisão do “Marxismo”<sup>1</sup> tem por objetivo ajudar na percepção mais adequada da composição das inter-relações sociais, agregando-se o estudo de conceitos essenciais para o processo de compreensão do modo de produção capitalista.

Portanto, o presente estudo objetiva realizar uma revisão, delineada a partir de uma pesquisa exploratória, voltada ao aprimoramento do conhecimento das ideias deste autor, referente ao seu trabalho para o adequado entendimento das relações capitalistas, buscando abordar suas contribuições para clarificar a dinâmica deste modo de produção.

Diante da relevância do estudo proposto e da alusão aos problemas enfrentados pela sociedade atual, pretende-se abordar a seguinte situação de pesquisa: Como Marx elucida a obliteração da essência do modo de produção capitalista.

## 3. OBJETIVOS

### 3.1 Geral

---

<sup>1</sup> A expressão “marxismo” designa um amplo movimento de idéias que se estende desde a Filosofia até a Política. MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**: Salário, preço e lucro: O rendimento e suas fontes: a economia vulgar. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

Verificar a elucidação em Marx, da obliteração da essência do modo de produção capitalista.

### **3.2 Específicos**

Como objetivos específicos, esta pesquisa propõe:

- a) Abordar as aparências do processo de produção capitalista;
- b) Entender a essência do modo de produção capitalista em Marx;
- c) Desconstruir a obliteração da essência do modo de produção capitalista;
- d) Verificar a questão do capital produtor de juros.

## **4. JUSTIFICATIVA**

A revisão da crítica de Marx à economia vulgar permite elucidação de diversos pontos de inquietação para as Ciências Econômicas. Acredita-se que a recuperação desse debate dentro do Marxismo vem a contribuir de forma decisiva no entendimento do funcionamento do modo de produção capitalista.

Assim, verificar as questões estudadas por Marx em “O rendimento e suas fontes: a economia vulgar” com particular atenção a questão do capital produtor de juros, permite um mergulho profundo na essência do modo de produção capitalista. Esta pesquisa pretende analisar pontos essenciais dos fenômenos econômicos e investigar o quanto de alienação e fetiche existe na visão das relações do modo de produção capitalista.

Este trabalho justifica-se, portanto, na potencialidade e atualidade que o conceito apresenta, qual seja no esclarecimento da elucidação da obliteração da essência do modo de produção capitalista, bem como da verificação da questão do capital produtor de juros.

## **5. METODOLOGIA**

A investigação científica desta pesquisa tem como objetivo conhecer a realidade do processo de produção capitalista, considerando os aspectos endógenos e distanciando-se das aparências dos fenômenos econômicos. Este trabalho busca também o entendimento do problema como algo integrado e interligado com outros aspectos da estrutura econômica.

Além disso, o trabalho consiste em examinar o entendimento da dinâmica das relações

do modo de produção e reprodução da sociedade em uma visualização não estática da economia, vislumbrando desta forma a construção de uma perspectiva adequada de entendimento da realidade.

Os estudos de Marx sedimentaram um terreno sólido para a observação das relações sociais desenvolvidas ao longo dos tempos, permitindo uma análise profunda das contradições internas das forças produtivas dentro do modo de produção.

Marx dedicou-se ao desenvolvimento da análise dos fenômenos econômicos com uma adequada atenção ao processo histórico, pôde assim apresentar um conjunto de teorias e conceitos de relevante importância para a compreensão do funcionamento do modo de produção capitalista.

A concepção de ciência para o marxismo é compreendida a partir do entendimento de que o acúmulo de conhecimento científico só pode ser dimensionado tendo em vista as relações econômicas de produção que se entrelaçam às relações sociais entre os homens, produzindo necessariamente um conhecimento socialmente determinado.

Desta forma, objetiva-se engendrar estes elementos dentro do método monográfico, rumo à confecção de uma a revisão bibliográfica do Marxismo. O estudo visa esclarecer e explorar o conhecimento desenvolvido sobre as relações do modo de produção capitalista, com atenção especial as questões do capital produtor de juros, sua relação com a força de trabalho, as formas e fontes da riqueza, bem como sua ação obliterante da gênese do modo de produção capitalista e das relações sociais desenvolvidas por este.

O procedimento utilizado para levantamento do material bibliográfico será a obtenção, por documentação indireta, técnica de obtenção de dados por fontes secundárias, com o intuito de recolher informações prévias sobre o campo de interesse. Segundo Colauto e Beuren (2004, p. 135), “consideram-se documentos de fontes secundárias as teses, livros, dissertações, monografias, artigos de anais, artigos eletrônicos, publicações avulsas, revistas, os boletins de jornais”.

Desta maneira, para o andamento deste trabalho foram efetuadas pesquisas em livros, dissertações, monografias, artigos publicados em periódicos e anais e sítios de internet.

## **6. AS APARÊNCIAS DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA**

A observação imediata efetuada por um trabalhador do emaranhado de relações econômico-sociais na qual a sociedade humana se insere hoje não oferece as condições adequadas à formulação de conclusões concretas sobre as mesmas. Uma questão que poderia ser formulada a este trabalhador em relação a esta situação encontra-se como a questão inicial da ficção científica disposta no filme Matrix.

“Você sabe o que é a Matrix? Você deseja saber o que ela é? A Matrix está em todo lugar. É o mundo que foi colocado diante dos seus olhos para que você não visse a verdade. Que você é um escravo. Como todo mundo, você nasceu num cativeiro; nasceu numa prisão que não consegue sentir ou tocar. Uma prisão para uma mente.” (William Irwin, 2003, p.51)

Ao ouvir este questionamento, caberia a este trabalhador a seguinte reflexão: Eu sei o que é a Matrix? Eu sei em que consiste a essência do modo de produção capitalista? Eu desejo saber o que ela é? Existe um mundo que foi colocado diante dos meus olhos para que eu não visse a verdade?

Se este trabalhador deseja saber o que é a Matrix do modo de produção capitalista, bem como investigar se existe um mundo que foi colocado diante de seus olhos para que não pudesse ver a verdade, se deseja verificar o quanto de alienação e fetiche existe na visão deste modo de produção, pode por meio das pesquisas de Marx, mergulhar em suas entranhas desenvolvendo uma viagem rumo ao conhecimento, similar às pesquisas empreendidas pelas ciências exatas.

As pesquisas das ciências exatas promovem as descobertas das leis da física apenas quando se subtraem os elementos supérfluos e superficiais da essência do fenômeno em questão. As leis humanas da sociedade são descobertas quando o homem se apropria delas através do pensamento, deixando de lado o senso comum e os componentes desnecessários a compreensão concreta daquela sociedade em que vive.

Karl Marx desenvolveu um trabalho de análise de alto rigor teórico-metodológico, o qual frutificou um conjunto complexo de teorias e conceitos quanto ao funcionamento do modo de produção capitalista, analisando profundamente as contradições internas e as relações endógenas deste modo.

Marx concebe em “O rendimento e suas fontes: a economia vulgar”, uma interpretação distinta do modo de produção capitalista. Na interpretação do autor é possível verificar a desconstrução das obliterações do modo de produção capitalista, permite uma aproximação de debates vitais dentro do marxismo, como a questão do capital, sua relação com a força de trabalho, as formas e fontes da riqueza, bem como a especial atenção quanto ao debate do capital produtor de juros, sendo estes os conceitos verificados de forma mais intensa no desenvolvimento desta pesquisa.

Em sua crítica ao modo de produção capitalista, Marx busca desvelar as aparências dos fenômenos econômicos. No desenvolvimento desta crítica, promove uma abordagem mais

profunda destes fenômenos, procura clarificar em seus estudos a questão da obliteração (eliminação) da essência do modo de produção capitalista, questão esta que corresponde a empreitada consciente dos economistas apologistas das teorias da classe dominante (economistas vulgares) de apagar a essência do modo de produção capitalista. Os economistas vulgares como representantes dos capitalistas promovem a empreitada de colocar um mundo diante dos olhos da sociedade para que não se possa ver a verdade.

Marx empreendeu estudos de autêntica cientificidade, bem como expôs a cientificidade meramente operativa e doutrinária da classe dominante desenvolvida pelos economistas vulgares. Assim, esta pesquisa trata inicialmente da empreitada consciente dos economistas apologistas das teorias da classe dominante, com o propósito de apagar a essência do modo de produção capitalista.

A relação econômica vulgar ou os economistas vulgares, nas palavras de Marx, expõem apenas a aparência superficial pautada no ponto de vista da facção dominante, dos capitalistas, os quais projetam os ideais da classe que representam, construindo uma doutrina que permita a mais ampla justificativa de suas reais intenções, ocultando seus piores interesses.

Os economistas vulgares traduzem, de fato, as representações, os motivos, etc; dos portadores envolvidos na produção capitalista, nos quais reflete apenas sua aparência superficial. Traduzem-na numa linguagem doutrinária do ponto de vista da facção dominante, dos capitalistas; por isso, não de uma maneira ingênua e objetiva, mas apologética. (Marx, 1982, p. 189)

Para estes representantes do ponto de vista da facção dominante, a aparência imediata do capital permitiu formar um conjunto de relações e correlações diretas e unilaterais tais como: a propriedade da terra possibilita a obtenção de renda fundiária, a propriedade do capital permite obter-se lucro e o trabalho se estabelece como origem, como fonte do salário.

É possível estabelecer ainda que a propriedade de dinheiro fecunda os juros, possibilitando com este raciocínio a formação de conceitos superficiais que visam apagar a essência das relações entre os homens no modo de produção capitalista, pautando este modo de produção na relação entre coisas.

“A forma e as fontes do rendimento exprimem as relações da produção capitalista sobre a forma mais fetichista. Sua existência, como surge na superfície, isola-se de suas conexões ocultas e dos elos intermediários mediadores. Assim, a terra se torna fonte de renda fundiária, o capital, a fonte do lucro, e o trabalho, do salário” (Marx, 1982, p. 189).



Marx indica ser necessário explicitar a constituição da observação superficial e meramente operativa adotada por esta corrente de pesquisa. Propõe-se a desvelar os fundamentos que permeiam suas ideias e clarificar a organização conceitual definida pelos economistas vulgares, a qual estabelece uma relação entre coisas e tenta ocultar a relação estabelecida entre os homens.

Os economistas vulgares projetam a necessidade dos capitalistas de conceber uma tradução em conceito por meio das formas de ser da riqueza capitalista no nível da aparência. A utilidade da formação do pensamento por meio da dedução imediata é dimensionada de forma a ocultar a verdadeira relação entre os homens e desenvolvida a partir da superfície do processo social. A percepção representada pela subjetividade dos indivíduos envoltos na observação mediada pela insuficiência científica da análise dos fenômenos permite, no estabelecimento da relação entre coisas, fortalecer e concomitantemente enfraquecer qualquer resistência ao processo de produção capitalista.

Com o intuito de clarificar a superficialidade das pesquisas dos apologistas da classe dominante, pode-se construir uma metáfora da situação de uma investigação similar a empreendida pelos economistas vulgares. Estimular-se-á o trabalhador da questão inicial a uma experiência empírica em busca do entendimento das relações econômicas através do olhar adotado por esta corrente de pesquisadores.

O trabalhador fará a experiência de verificar em seu cotidiano como produtor de produtos agrícolas, como as relações sociais transcorrem no processo de produção vigente na sociedade. Assim, inicialmente nosso trabalhador decide dirigir-se ao mercado, ao comércio de produtos agrícolas, ao local onde verá materializado o fruto de seu trabalho e irá se propor a observar e investigar as inúmeras situações econômicas encontradas e que necessitam ser verificadas.

Inicialmente este trabalhador observa que diversas pessoas buscam este comércio para adquirirem o fruto de seu trabalho, para comprar as mercadorias produzidas por ele e por outros trabalhadores “... coisas que, por suas propriedades, satisfazem as necessidades humanas,” (Marx, 1998, p.57).

A descrição desta situação indica as transações comerciais, as quais ao serem investigadas mais a fundo podem levar a indagação, de qual ou quais os processos são necessários para se chegar a relação de troca de mercadorias.

De início nosso observador já foi impulsionado a ir além, sente-se instigado a verificar onde e como se desenvolvem o processo de produção capitalista.

A verificação do intercâmbio efetuado neste mercado, onde dinheiro é trocado por mercadorias, a verificação da esfera de circulação, onde mercadorias são vendidas por dinheiro, nos leva ao entendimento parcial e insuficiente do processo de produção capitalista e de seu funcionamento, pois a troca, embora elemento constitutivo deste modo de produção, não é elemento fundamental deste.

Neste caso, torna-se necessário nosso companheiro de pesquisa avançar a esfera de produção, esfera esta que convive cotidianamente. Isto será de crucial importância pois proporcionará a visão adequada de todo o funcionamento do modo de produção capitalista e do funcionamento da sociedade.

Na esfera da produção capitalista pode-se investigar que para a produção de mercadorias necessita-se da interação dos chamados fatores de produção: do trabalho, do capital e da terra.

Os fatores de produção no modo de produção capitalista, ao adotar-se o procedimento de estudo indicado pela doutrina dominante, da “economia vulgar”, recebem tratamento de particularidade científica, são tratados de acordo com os preceitos da doutrina do capital. Nesta doutrina, todo o elemento necessário a produção deve ser fonte de rendimentos, assim “a terra se torna fonte de renda fundiária, o capital, a fonte do lucro, e o trabalho, do salário” (Marx, 1982, p. 189). Cada fator de produção deve ser remunerado de acordo com sua classificação, de acordo com sua rubrica contábil.

O processo de produção capitalista em sua esfera produtiva coloca-nos diante de diversas relações entre os fatores de produção, tendo em especial a relação entre trabalho e capital, onde as condições de trabalho encontram-se num patamar historicamente construído de particular singularidade, levando a indagação de como deve ser entendido o trabalho. De acordo com Marx, os trabalhadores no sistema capitalista não reconhecem a relação entre o seu trabalho e o capital porque se tornaram “alienados” do produto do seu trabalho. Sendo necessário neste ponto, classificar o termo alienação no sentido que lhe é dado por Marx (1996), como ação pela qual um indivíduo, um grupo, uma sociedade se tornam alheios, estranhos, enfim, “alienados” aos resultados ou produtos de sua própria atividade.

Esta alienação desenvolvida com a formação do processo de trabalho dentro do modo de produção capitalista, conforme desejado pelos apologistas do modo de produção capitalista

(os economistas vulgares), permite consolidar, formar um dos fetiches que em aparência se apresenta como mais lógico, o fetiche do trabalho ser a fonte do salário.

O trabalho como fonte de salário, isto é, participação do trabalhador em seu produto, determinada pela forma especificamente social do trabalho, o trabalho como fonte de onde o trabalhador, por meio de seu trabalho, adquire o produto [do capital considerado materialmente] a permissão de produzir, possuindo no trabalho a fonte de onde lhe retorna, do empregador [doador de trabalho], uma parte de seu produto como pagamento desse produto, não é mais do que uma bela história. Mas a representação usual é aqui consoante com a própria coisa, de sorte que, embora confunda trabalho assalariado e, por conseguinte, o produto do trabalho assalariado – o salário – com o produto do trabalho, deixa ainda claro para o senso comum que o trabalho produz seu próprio salário (Marx, 1982, p. 190).

A resolução encontrada para a questão do trabalho pelos economistas vulgares é de uma simplicidade a qual, a princípio nosso próprio trabalhador pode considerar irretocável. A visualização imediata do mundo da produção leva ao entendimento de que todo trabalho gera um salário, pois este próprio trabalhador tem seu trabalho remunerado por um salário, configurando desta forma que todo o trabalho necessário para a produção de mercadorias merece sim ser remunerado, merece ser fonte de um salário, levando a construção do fetiche do trabalho ser fonte do salário.

O processo de produção capitalista (processo de produção de mercadorias) depende da contratação de trabalho, o qual define em suas leis imanentes que a contratação deverá ser objeto de remuneração. O trabalho deve, em sua configuração imediata, ser fonte de uma remuneração pecuniária, de um rendimento salarial.

A formação deste fetiche se estabelece em decorrência da visualização parcial, da compreensão insuficiente da questão do trabalho e aparentemente coerente para o senso comum de que o trabalho produz seu próprio salário, numa tentativa objetiva e engenhosa dos apologistas do modo de produção capitalista de estabelecer uma igualdade entre trabalho e trabalho assalariado.

A questão do trabalho no modo de produção capitalista torna-se uma questão contratual, uma relação determinada pelo “mercado de trabalho”, onde o preço do trabalho é estipulado por este mercado, onde o capital pode comprar trabalho mediante a retribuição do salário. O capital se relaciona com o trabalho por meio do salário estipulado pelo contrato de trabalho. Assim, o mundo do trabalho no modo de produção capitalista deve representar a relação entre o capital e o trabalho assalariado, a relação entre coisas.

Seguindo adiante nas relações mediadas pelo capital, deve-se avançar sobre a relação do capital como fonte de lucros. A compreensão da questão do capital como fonte de lucros dentro do pensamento dos apologistas do modo de produção capitalista, promove a ideia de o lucro ser a simples diferença entre o que foi gasto para se produzir e o valor recebido com a venda do que foi produzido. As relações do capital no nível da aparência não devem expressar nem permitir o entendimento da origem da diferença entre receitas e despesas.

O entendimento a ser fixado é de que o lucro é a diferença entre a receita recebida e seus custos de produção.

Os lucros devem expressar a diferença entre o valor recebido com a venda do que foi produzido e os custos com contratação da força de trabalho e compra dos meios de produção, representado pela equação:  $LUCRO = Receita - custos\ com\ força\ de\ trabalho - custo\ com\ a\ compra\ dos\ meios\ de\ produção$ .

Desta forma, os custos com a contratação da força de trabalho expressos pelo desembolso de um valor monetário (valor pago ao trabalhador na forma salário), correspondem, na visão dos capitalistas, ao valor do trabalho. Logo, considerando-se o pagamento do valor real do trabalho e a compra dos meios de produção pelo preço definido no mercado, o lucro encontra-se na diferença entre os custos necessários a produção e a receita obtida com a venda do que foi produzido.

Com a introdução de conceitos subjetivos de custos e a criação de remunerações para o trabalho, promove-se o lucro capitalista, propaga-se a busca por maximização dos lucros e ainda busca-se a adequada diferença entre as receitas e despesas. Na teoria econômica capitalista o lucro torna-se cada dia mais agradável aos ouvidos dos apologistas da classe dominante, seu entendimento efetiva-se a cada dia de forma mais oportuna a seus interesses.

A questão do uso da terra empreende, dentro do processo de produção capitalista, a possibilidade do proprietário da terra exigir uma remuneração. Logo, na visão imediata e superficial deste fenômeno, a terra por ser elemento necessário à produção constitui-se numa fonte de renda. No desenvolvimento de uma correlação direta, a terra pode ser entendida como uma fonte de remuneração, uma fonte de renda fundiária.

Analisando a seguinte situação: um fazendeiro ao alugar determinada propriedade rural, concede seu uso para produção de bens, propiciando aos cessionários os meios de produção. Estes cessionários devem utilizá-los sob as condições capitalistas, promovendo a

busca de seu lucro como qualquer outro capitalista. Destaca-se que parte deste lucro será utilizado para o pagamento do aluguel da terra, com isso, a terra configura-se como uma coisa geradora de renda.

O que os economistas vulgares tentam expressar com a ideia de que a terra produz renda, não é mais do que uma representação confusa, intencionalmente empreendida por esses senhores entre o valor de uso e o valor de troca da terra, onde o aluguel puro e simples do uso da terra deve fornecer um pagamento ao seu proprietário.

O aluguel da terra como fonte de renda fundiária para os economistas vulgares se apresenta relacionado com a terra em si, como um elemento da natureza gerador de renda. Representa assim, como encomendado pela classe dominante, a ossificação da relação entre coisas em consonância com a lógica de ocultar a relação entre os homens, de ocultar os conflitos do modo de produção capitalista.

Os fatores de produção para os economistas apologistas do pensamento capitalista estão diretamente associados a remunerações, a rendimentos, relacionam-se de acordo com uma visão simplista de rubricas contábeis. Nas pesquisas de Marx os rendimentos são o modo como as formas de ser da riqueza aparecem na superfície das relações no modo de produção capitalista. Por meio de seus estudos, o autor procura distanciar-se das aparências refletidas por esses rendimentos, opondo-se aos economistas vulgares ao revelar a essência dos fenômenos econômicos. Ele desenvolve um trabalho de compreensão das conexões endógenas das relações de produção capitalista, da compreensão dos seus elos intermediários, chegando ao entendimento da essência do modo de produção capitalista, a questão da essência do capital, que será tratada a seguir.

## **7. A ESSÊNCIA DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA EM MARX**

Ao se estudar o modo de produção capitalista através do Marxismo, pode-se verificar que o mérito de Marx foi a verificação criteriosa das diferenças entre as relações de produção

e as relações sociais existentes dentro do modo de produção capitalista. Nesta verificação, evidenciou as congruências internas e delimitou suas contradições de forma a distanciar-se das formas externas e enganadoras dessas relações.

Assim, suas pesquisas procuram desvelar a configuração mística do capital, seus estudos visam à compreensão dos elos constitutivos desse processo de produção social e historicamente produzido.

Karl Marx utiliza a cientificidade particular do materialismo para ir além das aparências e desvendar os elementos fundamentais nos quais se assenta este modo de produção específico no qual vivemos: a essência do modo de produção capitalista.

Lênin entende que a adoção do materialismo nos estudos empreendidos por Marx auxiliou de forma decisiva a construção teórico-científica do Marxismo:

O materialismo proporcionou um critério perfeitamente objetivo, distinguiu as 'relações de produção' como estruturas da sociedade, e proporcionou a possibilidade de aplicar a essas relações o critério científico da repetição, cuja aplicação a Sociologia era negada pelos subjetivistas". (Lênin, 2007, p.13)

Adentrando nas pesquisas empreendidas por Marx, pode-se iniciar uma viagem rumo a desconstrução da obliteração empreendida pelo capital, percorre-se o caminho rumo a compreensão da essência da riqueza do modo de produção capitalista, visualiza-se a essência do "capital" dentro deste modo de produção:

Capital não é uma coisa, mas uma relação de produção definida, pertencente a uma formação histórica particular da sociedade, que se configura em uma coisa e lhe empresta um caráter social específico. (Marx, 1998, p.346).

Conforme expõe, o capital não é uma coisa, tão pouco uma relação entre coisas, o capital é uma relação de produção constituída pelas relações sociais vigentes. Marx assim inicia a busca do entendimento da essência do modo de produção capitalista, procura o entendimento da relação entre homens pertencentes a esta formação histórica da sociedade.

O modo de produção capitalista é um processo construído social e historicamente que deve ser compreendido e tematizado racionalmente.

A abordagem de Marx facilita a visualização de que todas as relações de produção exercem uma enorme influência no desenvolvimento das forças produtivas e assim determinam o caráter e o desenvolvimento de toda a sociedade. São relações objetivamente condicionadas. O homem não pode produzir fora da sociedade e, por força do caráter social da produção, os homens são obrigados a participar de determinadas relações econômicas.

Marx afirma que a riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista apresenta-se como uma imensa acumulação de mercadorias. De maneira mais simples, o capital é uma acumulação de valor que atua para criar e acumular mais valor. A substância do valor no modo de produção capitalista é o trabalho, bem como a medida da sua grandeza é a duração do trabalho.

A quantidade de trabalho objetivado ou o tempo de trabalho necessário numa dada sociedade para a produção de um artigo é o que determina a grandeza do seu valor, o trabalho na Teoria Marxista é a essência da acumulação capitalista, a substância do valor das mercadorias.

Assim, por meio das investigações do processo de trabalho no modo de produção capitalista, das investigações sobre o capital, Marx observa a origem de importante contradição social da produção capitalista: a divisão da sociedade em duas classes opostas, o antagonismo entre uma classe que vive do trabalho (proletários, trabalhadores rurais) e outra que vive do trabalho alheio (burgueses, proprietários dos meios de produção, capitalistas industriais ou financeiros “rentistas”).

Esta divisão se realiza por meio da apropriação do trabalho alheio, da desvinculação do trabalhador do fruto de seu trabalho. Para Marx, o desenvolvimento do modo de produção capitalista empreendeu a constituição da força de trabalho como mercadoria, permitindo se estabelecer uma divisão concreta que irá servir de ponte para chegar às relações sociais produtivas, que envolve além das diferenças técnicas do trabalho, outro tipo de mediação: as próprias relações sociais.

As condições de trabalho apenas são capital se funcionarem como não propriedade diante do trabalhador e, portanto, como propriedade alheia. Como tais, porém, funcionam somente em oposição ao trabalho. O modo de existência de tais condições, opositiva frente ao trabalho, transforma seu proprietário em capitalista, e tais condições, por ele possuídas, em capital. (Marx, 1982, p. 193)

As condições de trabalho do modo de produção capitalista desenvolvem o antagonismo, a cisão da sociedade entre uma classe que vive da apropriação do trabalho alheio, os capitalistas proprietários do capital, em oposição à classe trabalhadora, classe destituída dos meios de produção, homens que dependem da venda de sua força de trabalho para a manutenção de suas condições de vida, homens suscetíveis a trocar sua força de trabalho, por um salário, pelo valor estipulado pelo contrato de “venda da força de trabalho”.

A divisão da sociedade entre duas classes, de um lado os detentores dos meios de produção (trabalho acumulado passado expropriado como propriedade privada) a serem utilizados no processo de produção e de outro uma classe que vive da venda da sua força de trabalho com mera mercadoria, torna presente a condição para existência da relação entre capitalista e trabalhador.

Historicamente observa-se uma multiplicidade de agentes econômicos sociais, uma diversidade complexa de classes. Com o advento e desenvolvimento do modo de produção capitalista promove-se o definhamento da diversidade de classes, consolidando a simplificação das divisões sociais, constrói-se a polarização da sociedade em duas classes sociais, em duas faces de uma mesma moeda, capitalistas (burguesia) de um lado, proletariado (classe que vive do trabalho) do outro, empreende-se a divisão da sociedade em dois grandes campos inimigos, em duas classes que se opõem frontalmente, entre capitalistas e trabalhadores.

Desde as épocas mais remotas da história, encontramos, em praticamente toda parte, uma complexa divisão da sociedade em classes diferentes, uma gradação múltipla das condições sociais. Na Roma Antiga, temos os patrícios, os guerreiros, os plebeus, os escravos; na Idade Média, os senhores, os vassallos, os mestres, os companheiros, os aprendizes, os servos; e, em quase todas essas classes, outras camadas subordinadas. No entanto, a nossa época, a época da burguesia, distingue-se, contudo, por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas classes que se opõem frontalmente: burguesia e proletariado. (MARX, 2007, pg. 10)

A divisão particular da sociedade entre classes antagônicas verificada pelo autor, consiste na fundamental condição da sociedade sob a égide do modo de produção capitalista que os “economistas vulgares” propõem-se a apagar (obliterar). Desta maneira, apagar o antagonismo criado pelo processo de trabalho dentro do modo de produção capitalista consiste em importante tarefa para os “apologistas” dos ideais da classe capitalista e, o cumprimento eficiente desta tarefa acaba por solidificar o fetiche do trabalho produzir salário, uma ferramenta essencial para mistificação do capital, fetiche o qual Marx não mediu esforços para quebrar, derrubar.

Em seus esforços para resgatar a adequada visão do processo de trabalho dentro do modo de produção, Marx procede a formulação do entendimento da questão da seguinte forma:

No processo de trabalho em si, o homem se emancipa como homem verdadeiro – homem real - resultado de seu próprio trabalho; em contrapartida com a formação do modo de produção capitalista “(...) o processo de trabalho converte-se no



instrumento de processo de valorização, do processo de auto-valorização do capital: da criação de mais-valia. O processo de trabalho dentro do modo de produção capitalista transforma-se em (...) [como] um processo de exploração do trabalho alheio”. (Marx, 1980, p. 584)

O autor revela a constituição interna do modo de produção capitalista, o desenvolvimento do processo de exploração do trabalhador, a transformação do processo de trabalho num processo de auto-valorização do capital.

A alienação promovida por esse modo de produção o trabalho tem sua origem na necessidade de produção de bens para a manutenção da vida dos homens, para a emancipação do homem como homem verdadeiro – homem real - resultado de seu próprio trabalho, portador não somente de qualidades que se destinam a satisfazer uma demanda, mas igualmente de um valor, de um quantum de tempo de atividade produtiva socialmente necessária e socialmente efetivada para o bem estar do homem.

Com a efetivação do modo de produção capitalista, o trabalho converte-se num processo de valorização de capital, transforma-se no processo de apropriação do trabalho alheio, de criação e apropriação da riqueza por um setor da sociedade.

Marx, ao promover o resgate da realidade das leis imanentes do modo de produção capitalista revela para quem se aprofunda, para o “trabalhador” da proposição inicial que decidiu se aprofundar nos estudos da gênese do modo de produção capitalista, que a essência do capitalismo é a relação entre os homens, relação entre homens de posições diferentes frente ao trabalho, a relação que promove a divisão da sociedade em classes (capitalistas e trabalhadores), na transformação do processo de trabalho socialmente necessário, na transmutação do processo de produção de riqueza social, num processo de apropriação da riqueza produzida, no processo de exploração do trabalhador.

A determinação social em que existe. Que o trabalho vivo se confronte com o trabalho passado, a atividade, com o produto, o homem, (...) como propriedade alheia e, sob essa figura, como “empregadores”, “comandantes” do próprio trabalho, os quais dele em vez de serem apropriados por ele. Que o valor – exista como dinheiro ou mercadoria – desenvolvido ulteriormente em condições de trabalho se confronte com o trabalhador como propriedade alheia, como proprietário de si mesmo. (Marx, 1982, p.203)

Buscando explicitar de outro modo o processo de produção capitalista, o capital se configura como a apropriação do produto do trabalho acumulado pela sociedade, como trabalho passado apropriado a confrontar o trabalho vivo presente, a confrontar o trabalhador,

sob a forma de dinheiro ou capital. Este dinheiro ou mercadoria representa ainda, o valor produzido pelo trabalhador que vêm a confrontar a própria classe trabalhadora como propriedade apropriada pelos capitalistas.

Para se esclarecer os meandros verifica-se a determinação da sociedade que estabelece a relação entre homens, a sociedade onde se opõem frontalmente homens que monopolizam os meios de produção (capitalistas que se apropriaram do produto do trabalho excedente passado), trabalho passado que confronta a força de trabalho viva presente (trabalhadores proprietários da força de trabalho como mercadoria).

Ao tentar desvelar o modo de produção capitalista deve-se entender que este modo de produção desenvolve a separação do homem do produto de seu trabalho, desenvolve também a apropriação do produto de seu trabalho pelos capitalistas, classe detentora dos meios de produzir a vida, dos meios de produção.

O processo de trabalho inserido no modo de produção capitalista torna-se mera ferramenta para o processo de valorização do capital, transforma-se em processo de apropriação de trabalho alheio. O homem se aliena de si mesmo, se aliena de seu trabalho, concebendo as bases de sua exploração.

Assim para clarificar de forma intensa a compreensão segundo Marx, torna-se necessário penetrar no movimento característico do capital, deve-se descortinar o mundo da produção, local de confrontação dos proprietários dos meios de produção (classe dos capitalistas) e a classe que vive do trabalho (proletários).

Marx (1998) afirma: o capital só pode ser entendido em seu movimento e não como coisa em repouso, seu valor só aumenta quando este adentra o processo de valorização de capital, a partir do momento que a produção capitalista encontra-se em movimento.

O modo de se revelar totalmente a essência do modo de produção capitalista consiste no exame da estrutura do movimento do capital, do capital industrial, o capital em seu movimento produtivo, a esfera da produção. A esfera da produção é o palco de confrontação entre capitalistas e a classe trabalhadora.

Neste cenário torna-se possível observar de um lado, os capitalistas que utilizam o capital materializado sob a forma de dinheiro no processo de produção, e do outro lado, a classe trabalhadora destituída dos meios de produção, mas detentora da força de trabalho como mercadoria que pode ser vendida, mercadoria imprescindível para o processo de valorização do capital. Desta forma, verifica-se a condição para existência da relação

capitalista.

“Capital não é uma coisa, mas uma relação de produção definida (...) são os meios de produção monopolizados por um certo setor da sociedade, que se confrontam com a força de trabalho viva enquanto produtos e condições de trabalho tornados independentes dessa mesma força de trabalho, que são personificados, em virtude dessa antítese, no capital. Não são apenas os produtos dos trabalhadores transformados em forças independentes – produtos que dominam e compram de seus produtores -, mas também, e sobretudo, as forças sociais e a(...) forma desse trabalho, que se apresentam aos trabalhadores como propriedades de seus produtos. Estamos então diante de uma determinada forma social, à primeira vista muito mística, de um dos fatores de um processo de produção social historicamente produzido” (Marx, 1998, p.346).”

A forma como Marx estuda o modo de produção capitalista, tem por objetivo compreender o processo de produção e acumulação de capital, processo onde se desenvolve a relação entre os homens dentro da formação histórica e socialmente produzida a qual divide a sociedade em classes de interesses distintos, em classes antagônicas, onde o capital encontra-se a primeira vista com um fator místico de ossificação do processo de produção.

O autor afirma ainda que, qualquer que seja a forma social do processo de produção, este deve ser contínuo ou percorrer periódica e ininterruptamente as mesmas fases. Um dos aspectos do modo de produção capitalista é a essencialidade de acumulação de capital, independente das preferências subjetivas ou das convicções dos capitalistas.

Apenas como personificação do capital, o capitalista é respeitável. Como tal, ele partilha com o entesourador o instinto absoluto do enriquecimento. O que neste, porém, aparece como mania individual, é no capitalista efeito do mecanismo social, do qual ele é apenas uma engrenagem. Além disso, o desenvolvimento da produção capitalista faz do contínuo aumento do capital investido numa empresa industrial uma necessidade e a concorrência impõe a todo capitalista individual as leis imanescentes do modo de produção capitalista como leis coercitivas externas. Obriga-o a ampliar seu capital continuamente para conservá-lo, e ampliá-lo ele só o pode mediante a acumulação progressiva (Marx, 1982, p. 688).

Marx sentencia que apenas como personificação do capital, o capitalista é respeitável, o capitalista é apenas uma engrenagem do modo de produção capitalista. Deste modo, suas ações são efeito do processo de produção capitalista, não existe espaço para preferências, suas ações são regidas pelo capital, as leis imanescentes do modo de produção capitalista são de caráter coercitivo.

Pode-se compreender ser da natureza do capital a constante acumulação de capital, não por ansiar responder às necessidades crescentes da sociedade, mas porque esta é uma

condição da reprodução do valor em escala ampliada, para aumento e conservação da riqueza materializada.

Esta abordagem do autor reforça a visualização de que todas as relações de produção exercem uma enorme influência no desenvolvimento das forças produtivas, determinando em si as próprias relações sociais, definido seu caráter, bem como o desenvolvimento de toda a sociedade.

Visando a adequada compreensão da questão do capital como uma relação de produção definida, deve-se desenvolver a busca do conhecimento ampliando a internalização de suas variantes. Assim, deve-se seguir adiante através da reprodução do capital, situação onde o capitalista adianta capital acumulado extraído do trabalho alheio, onde este capitalista de posse do capital, produto do trabalho do homem materializado como propriedade privada, deve usar parte de seu capital para enfrentar os trabalhadores, para comandar o processo de produção efetuando a compra da força de trabalho.

Os capitalistas só contratam os trabalhadores, pois estes têm uma mercadoria singular para vender: a força de trabalho cuja peculiaridade consiste quando esta é utilizada dentro do processo produtivo têm como valor de uso a propriedade de gerar mais-valor.

Para Marx (1998), o processo de produção capitalista em seu movimento interno pode ser sintetizado da seguinte forma: o capitalista com o seu capital materializado sob a forma de dinheiro (D), vai ao mercado e compra matérias-primas e maquinários (capital constante) e “força de trabalho” (capital variável), que conjuntamente constituem-se nas mercadorias (M) necessárias para a produção. No processo de produção (P), o trabalhador deverá manipular as matérias-primas e produzir ao final desse processo um produto que contenha o trabalho necessário (trabalho remunerado conforme o contrato de trabalho) e trabalho excedente, entregando ao capitalista o produto desse trabalho sob a forma de mercadorias resultantes deste processo (M’), que serão vendidas por este recebendo em troca dinheiro (D’). Este mecanismo de movimentação do capital dentro da esfera produtiva tem como finalidade manter e ampliar a riqueza do capitalista, isto é, transformar o dinheiro inicial (D) em uma soma maior (D’). O trabalhador deve produzir valor excedente, não produz para si, mas para o capital.

A produção de valor excedente ocorre quando o capitalista utiliza a força de trabalho (capital variável) para produzir por um valor superior ao valor do trabalho necessário para produzir e reproduzir as condições de vida do trabalhador (força de trabalho).

Ao contratar esta força de trabalho, o capitalista passa a receber do trabalhador um produto com valor superior ao valor contratado, dos valores empregados na produção, ou seja, passa a extrair trabalho excedente desta classe trabalhadora, a produzir valor excedente, provendo a continuidade do ciclo. A diferença entre o valor de compra da força de trabalho (salário) e o valor produzido por esta, permite a obtenção de trabalho não pago e apropriado pelo capitalista.

No processo de produção capitalista, o capital aumenta ao circular na esfera da produção. As mercadorias são apenas meio de valorização. O capitalista na esfera de produção confronta o trabalhador para obter trabalho excedente, o capitalista comanda o processo de intensiva produção de valor. Então, o objetivo da produção no ponto de vista do capitalista, é conseguir pescar, extrair o máximo de trabalho alheio de cada trabalhador – consiste em efetivar ao máximo a exploração da força de trabalho.

“Do capital, na medida em que é considerado no processo de produção, sempre fica, em menor ou maior grau, a representação de que é instrumento de pescar trabalho alheio. Seja isso tratado como “justiça” ou “injustiça”, fundado ou infundado, fica sempre subjacente e subentendida a relação do capitalista com o trabalhador” (Marx, 1982, p. 190).

O verdadeiro objetivo do capital é se apropriar ininterruptamente de trabalho alheio sem dar em contrapartida o equivalente devido. Se antes o direito a propriedade se fundamentava no próprio trabalho, agora, do lado capitalista, a propriedade revela-se como o direito de extrair mais-trabalho, de apropriar-se de trabalho não-pago ou do produto do trabalho alheio, e do lado do trabalhador, a impossibilidade de apropriar-se do produto do seu trabalho, o que nos leva a necessidade de investigarmos mais atentamente o processo de produção capitalista e seu elemento distintivo ao produzir mais-valia.

A mais-valia é o elemento distintivo e imprescindível para a reprodução e valorização do capital. As leis imanentes do modo de produção capitalista impõem ao capitalista a necessidade de explorar o mais trabalho, de apropriar-se de trabalho alheio, determinando a relação entre capitalista e trabalhador, uma relação social que está condicionada pela exploração do trabalhador pelo capitalista. Para o capital, a captação de trabalho alheio constitui seu anseio e sua disposição mais íntima.

Assim, a questão dos rendimentos e fontes capitalistas nos estudos de Marx tem seu berço na divisão da mais-valia, são provenientes da mais-valia, do elemento distintivo do modo de produção onde “a renda territorial, o juro e o lucro industrial nada mais são que

nomes diferentes para exprimir as diferentes partes da mais-valia de uma mercadoria ou do trabalho não remunerado, que nela se materializa, e todos provém por igual desta fonte e só desta fonte.”(Marx, 1982).

Marx, em seus avanços na gênese dos processos produtivos teoriza que o capital é uma acumulação de valor que atua para criar e acumular mais valor. A força motriz do sistema capitalista é a acumulação de capital. A característica distintiva do sistema é a forma como este excedente é gerado e apropriado: a mais-valia.

Marx sentencia que no modo de produção capitalista não pode existir a acumulação de capital sem a extração de conveniência da força de trabalho, sem extração de mais-valia, pois as ações capitalistas são fundamentadas na exploração do trabalho alheio. Com isso, Marx expõe os indícios da correta e íntima relação entre capital e mais-valia, que a seguir será tratada de forma mais atenta.

Marx (1998) ao percorrer o caminho da análise intensa do processo de acumulação de capital, evidencia que com a acumulação de capital ou a conversão de mais-valia em capital, desenvolve-se o modo de produção especificamente capitalista, e, com o modo de produção especificamente capitalista, a acumulação de capital. A produção capitalista não é apenas acumulação de capital, ela é essencialmente produção e acumulação de mais-valia.

Para a compreensão da mais-valia faz-se necessário desenvolver-se um profundo estudo das relações de trabalho modo de produção capitalista, no sentido de verificar a possibilidade da produção de valor excedente, de apropriação de trabalho não pago ao trabalhador pelo capitalista. Marx (1998) indica que a mais-valia se solidifica devido ao fato do capitalista “comprar a força de trabalho pelo seu valor de troca (salário – que equivale aos meios de subsistência necessários para produzir e reproduzir a força de trabalho) e utilizar o seu valor de uso no decurso do processo de produção real”.

A mais-valia surge não porque o trabalhador recebe menos do que ele vale, mas porque ele produz mais do que é pago. Sem a diferença entre o valor de troca do trabalho (subsistência) e seu valor de uso (o valor do resultado do trabalho), o capitalista não teria nenhum interesse em adiantar capital para aquisição da força de trabalho, em comprar força de trabalho.

Marx compreende resumidamente a função específica do capital da seguinte forma:

A função verdadeira, função específica do capital enquanto capital é pois a produção de valor excedentário e esta, (...) não é mais do que produção de sobretrabalho, apropriação – no decurso do processo de produção real – de trabalho

não pago, que se apresenta à vista e se objetiva como mais-valia” (Marx, 1980, p. 42).

Com a mais valia materializada sob a forma de dinheiro, sob a forma de capital, o capitalista deve introduzir este dinheiro no processo de produção, deve colocar o capital para que este comande o processo de produção, promovendo a reprodução do trabalho vivo passado apropriado através da compra de meios de produção e de força de trabalho no ciclo seguinte.

O capitalista tem a possibilidade de, por meio do capital “que consiste no produto do trabalho do homem acumulado” e que ao longo do tempo foi materializado como propriedade privada, efetivar as bases da exploração capitalista. Ao agir de acordo com leis do modo de produção capitalista, a promover a efetivação do capital e a sua constante valorização e acumulação, deve ir ao mercado comprar força de trabalho (mediante o pagamento de um salário), utilizando a força de trabalho comprada na produção de mais-valia.

Possibilitando encontrar o cerne do mistério da acumulação de capital, o ponto onde pode-se ver que quem paga o trabalhador é o produto de trabalho passado apropriado pelo capitalista e na dinâmica do ciclo o próprio trabalhador.

Marx expõe a essência do trabalho e do fruto do trabalho para qualquer sociedade, demonstra como o fruto do trabalho é uma riqueza social e que na sociedade sob o modo de produção capitalista encontra-se apropriado e materializado em forma de capital.

O capital (trabalho passado apropriado pelos capitalistas) encontra-se a confrontar o trabalho vivo presente (trabalhadores), permitindo e objetivando a exploração do trabalho alheio. O trabalhador, o trabalhador assalariado (desvinculado do fruto de seu trabalho) encontra-se no centro do processo de exploração capitalista.

A essência do modo de produção capitalista encontra-se na exploração e apropriação do trabalho de forma intensa e contínua pelos capitalistas (classe que vive do trabalho alheio). As relações capitalistas estão pautadas na produção e acumulação de capital, pautadas na apropriação da riqueza social pelos capitalistas.

A produção da existência dos homens se socializa pelo e no capital, mas a apropriação da riqueza ainda está atada à propriedade privada. Contradição que obstaculiza a trajetória do ser social na constituição de sua plenitude. E esta só será alcançada no momento em que a produção e a distribuição da existência humana forem universalmente constituídas, isto é, quando o homem for produto do próprio homem, quando o reino da necessidade der lugar ao reino da liberdade. (Aued, 2006, p.130).

O capital é a força social que impulsiona a produção e reprodução da existência humana, porém sua constituição interna de exploração dos homens que vivem do trabalho obstaculiza a emancipação social.

## **8. A DESCONSTRUÇÃO DA OBLITERAÇÃO DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA**

Neste momento da pesquisa, após evidenciar que o centro do processo de produção capitalista encontra-se na exploração do trabalho, especificamente o trabalho assalariado como fonte de todo o processo, pode-se adentrar especificamente na desconstrução de Marx das relações fetichistas dos apologistas do modo de produção capitalista, desconstruir os dogmas dos rendimentos e suas fontes no modo de produção capitalista, desmistificar a questão da terra que se torna fonte de renda fundiária, o capital, a fonte do lucro, e o trabalho,



do salário e o mais fetichizado de todos o capital produtor de juros, desmistificar a relação entre coisas.

A condição do trabalhador no processo de produção capitalista é o ponto crucial que deve ser abordado para o entendimento do processo. De acordo com Marx, os trabalhadores no sistema capitalista não reconhecem a relação entre o seu trabalho e o capital porque se tornaram “alienados” do produto do seu trabalho. É necessário neste ponto, classificar o termo alienação no sentido que lhe é dado por Marx (1998), como ação pela qual um indivíduo, um grupo, uma sociedade se tornam alheios, estranhos, enfim, “alienados” aos resultados ou produtos de sua própria atividade.

Esta alienação desenvolvida com a formação do processo de trabalho dentro do modo de produção capitalista consolidada, conforme desejado pelos apologistas do modo de produção capitalista (os economistas vulgares), um dos fetiches que em aparência se apresenta como mais lógico.

Assim a construção do fetiche do trabalho produzir salário institui-se numa ferramenta essencial para mistificação do capital, pois o mesmo, conforme abordado anteriormente, possibilita apagar o antagonismo criado pelo processo de trabalho dentro do modo de produção capitalista, consiste em importante tarefa para os “apologistas” dos ideais da classe capitalista e o cumprimento eficiente desta tarefa solidificará este fetiche, o qual Marx irá desconstruir com seus esforços de desvelar este modo de produção.

O fetiche do trabalho resultar na produção do rendimento salarial compreende a visualização parcial da questão do trabalho, da compreensão insuficiente desta questão e aparentemente coerente para o senso comum que trabalho produz seu próprio salário numa tentativa de estabelecer a igualdade entre trabalho e trabalho assalariado.

O trabalho como fonte de salário, isto é, participação do trabalhador em seu produto, determinada pela forma especificamente social do trabalho, o trabalho como fonte de onde o trabalhador, por meio de seu trabalho, adquire o produto [do capital considerado materialmente] a permissão de produzir, possuindo no trabalho a fonte de onde lhe retorna, do empregador [doador de trabalho], uma parte de seu produto como pagamento desse produto, não é mais do que uma bela história. Mas a representação usual é aqui consoante com a própria coisa, de sorte que, embora confunda trabalho assalariado e, por conseguinte, o produto do trabalho assalariado – o salário – com o produto do trabalho, deixa ainda claro para o senso comum que o trabalho produz seu próprio salário (Marx, 1982, p. 190).

Marx adverte existir uma confusão intencionalmente construída entre trabalho e trabalho assalariado como forma de verificar os elementos distintivos do modo de produção

capitalista, de verificar as diferenças do processo de trabalho dentro deste modo. Do processo de produção de mais-valia, requer-se a verificação das diferenças entre o processo de trabalho dentro do modo de produção capitalista (trabalho assalariado) e do processo de trabalho efetuado por homens livres (remunerados por seu trabalho).

Segue abaixo, duas situações para entender as diferenças entre estes processos:

Na relação de trabalho exógena às leis do modo de produção capitalista, onde um trabalhador livre (um autônomo) tem contratado seu labor, sua capacidade como mestre de obras, seu trabalho de colocação 330m<sup>2</sup> de porcelanato para duas residências, este trabalhador propõem-se a fazê-lo mediante a remuneração de R\$ 30,00 (trinta reais) por m<sup>2</sup>, em 22 dias úteis, perfazendo uma remuneração por seu trabalho no valor de R\$ 9.900,00 (nove mil de novecentos reais).

Em contrapartida, na esfera de produção capitalista, o capitalista (detentor do capital) proprietário de uma empreiteira, para ver seus desejos de ganho materializados, cobrará os R\$ 9.900,00 (nove mil de novecentos reais) dos interessados e comprará a força de trabalho para execução deste trabalho por um salário, por um contrato de “venda da força de trabalho”, salário mediado pelo valor da força de trabalho estipulada no mercado de trabalho, no valor de R\$ 2.000,00 (dois mil reais).

A vinculação do trabalhador com o capitalista pelo contrato de “venda da força de trabalho” delimita a relação entre capitalista e trabalhador, expressa resumidamente as obrigações entre as partes, a divisão da sociedade em classes opostas e resume as relações entre homens estabelecida por esse modo de produção, as relações de exploração de toda a sociedade trabalhadora, por uma classe de homens que monopolizam os meios de produção .

Em outras, no processo de produção capitalista cabe ao trabalhador vender sua força de trabalho mediante o recebimento de um valor estipulado por um contrato de “venda da força de trabalho”, de um salário que será utilizado para que este trabalhador possa realizar a manutenção de sua condição de vida, repondo a energia gasta no processo de produção, deixando para o capitalista o efetivo resultado da produção. A participação do trabalhador no produto de seu trabalho se caracterizará pelo salário recebido pela venda da força de trabalho como qualquer outra mercadoria disponível e necessária ao modo de produção.

Deve-se ressaltar que a força de trabalho é a única mercadoria que gera valor em seu consumo, em seu uso, apenas a venda da força de trabalho como mercadoria é que permite expressão do trabalho como trabalho assalariado, ou seja, é pela venda da força de trabalho

como mercadoria que pode ser estabelecida a remuneração desta força de trabalho (o salário).

A diferença entre o valor da força de trabalho, entre o valor do salário, e o valor da mercadoria produzida que incorpora o trabalho concretizado, ou trabalho potencial como mercadoria, é o meio pelo qual o capitalista extrai o “trabalho excedente” da classe trabalhadora, trabalho não pago, extrai mais-valia.

Como se pode notar, o capital se expressa internamente como gerador de mais-valia, como forma de se apropriar do trabalho alheio, do trabalho não remunerado e não como uma ingênua fonte de lucro (diferença entre custos e receitas). Assim, deve-se avançar no fetiche do capital ser fonte de lucro.

A composição do mistério do capital produtor de lucros oblitera não só a relação entre trabalhador e capitalista, relação que propicia a produção de mais-valia, bem como, a relação entre capitalistas, relação que busca a valorização máxima do capital, a qual promove uma sutil diferenciação entre mais-valia e lucro. Porém o lucro nunca deixa de ser parte da mais-valia, nunca deixa de ter seu lastro na mais-valia produzida.

A diferença entre lucro e mais-valia, uniformização dos lucros de todos os capitais - (por meio) da taxa geral de lucro – transformam o capital de um modo nada claro numa coisa obscura num mistério. (Marx, 1982, p.190).

Os capitalistas ao venderem as mercadorias produzidas recuperam seus custos de produção, seu capital aplicado para se apropriar sem piedade da mais valia produzida no processo.

O lucro capitalista é calculado em proporção a todo o capital alocado na empresa de qualquer tipo. A mais-valia obtida em relação a todo o capital (capital variável e capital constante) constitui a taxa de lucro, para quem quer esconder o processo de exploração que a dinâmica capitalista envolve.

Para Marx (1980), o entendimento da diferença entre mais-valia e taxa de mais-valia, bem como a distinção destas da formação da taxa de lucro torna-se fundamental para o entendimento do capital e sua relação com o lucro.

A aplicação do capital encontra-se estabelecida de acordo com as leis imanentes do sistema capitalista, conferindo internamente no processo produtivo a divisão entre capital constante (capital empregado em máquinas e equipamentos necessários ao processo produtivo) e o capital variável (pagamento do salário, capital empregado na contratação da

força de trabalho), formando o que Marx denominou como a composição orgânica do capital.

Utilizando a situação da empreiteira como forma de exemplificar e pontuar cada situação, inicialmente calcula-se a magnitude do valor excedente apropriado pelo capitalista na forma de mais-valor (trabalho não remunerado).

A mais-valia obtida é o resultado da diferença entre o valor do trabalho cobrado pelo capitalista R\$ 9.900,00 (nove mil e novecentos reais) e o valor pago ao trabalhador pela venda de sua força de trabalho, o salário (capital variável aplicado) R\$ 2.000,00 (dois mil reais), ou seja, a mais-valia obtida é da magnitude de R\$ 7.900,00 (sete mil e novecentos reais).

A taxa de mais-valia se estabelece pela razão entre a mais-valia subtraída dos trabalhadores e o capital variável aplicado (capital utilizado na compra da força de trabalho). Marx (1980) chama de taxa mais valia a razão entre o trabalho excedente e o trabalho necessário, expressando precisamente o grau de exploração do trabalhador pelo capitalista.

Para se calcular a taxa de mais-valia verifica-se a razão entre a mais-valia obtida R\$ 7.900,00 (sete mil e novecentos reais) e o valor do capital variável, o valor da força de trabalho R\$ 2.000,00 (dois mil reais), assim a taxa de mais valia desta operação capitalista é de 395 % (trezentos e noventa e cinco por cento).

A taxa de lucro expressa a razão entre a mais-valia e o todo do capital utilizado pela empresa (capital variável e constante), a razão entre o trabalho excedente e o capital.

Avançando, a taxa de lucro considera não só o capital desembolsado em salários (capital variável, trabalho necessário), mas todo o capital desembolsado (capital variável e constante). Observe-se que o capitalista emprega uma quantia total de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) em capital constante e variável, dos quais R\$ 3.000,00 (três mil reais) referem-se ao capital constante (representa o valor das matérias-primas, maquinaria, etc) e R\$ 2.000,00 (dois mil reais) o valor utilizado para compra da força de trabalho. Desta forma a taxa de lucro obtida pelo capitalista é a razão entre os R\$ 7.900,00 (sete mil e novecentos reais) auferidos como mais-valia e os R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) adiantados pelo capitalista, perfazendo uma taxa de lucro de 158% (cento e cinquenta e oito por cento).

É por meio da exploração dos trabalhadores (extração da mais-valia) que os capitalistas obtêm lucro (receita menos despesas). Conforme enuncia Marx (1996), emprega-se a palavra lucro para exprimir o montante total de mais-valia extorquida pelos capitalistas.

É indispensável entender as diferenças preliminarmente existentes entre produção e apropriação da mais-valia no modo de produção capitalista. Enquanto a produção da mais-valia fica determinada pela relação entre capitalista e trabalhador, a apropriação encontra-se determinada pela relação entre capitalistas, na construção de associações, composições e ações que promovam a máxima eficiência do processo de produção capitalista, a máxima exploração da classe trabalhadora.

Os capitalistas como personificação do processo devem seguir as leis imanes e devem sempre buscar a eficiência máxima de acumulação e reprodução do capital. Assim estes se apropriam indiretamente da produção de mais-valia de seus explorados, pois seu lucro está relacionado ao montante de capital que comandam e sua apropriação será definida pela proporção deste com o montante de mais-valia produzida por toda a sociedade.

Marx em seus estudos denota que o processo de apropriação de lucro passa por um processo entre capitalistas que acaba por nivelar as taxas de lucros e definir a dimensão da apropriação individual dos lucros relacionados com o quantum de capital comandado individualmente. Isto decorre do fato da constante necessidade de alterar composição orgânica do capital para a manutenção da eficiência do modo de produção. Assim parte da mais-valia produzida pelos trabalhadores ou operários alocados nos ramos onde a acumulação encontra-se com menor eficiência é realocada em ramos produtivos de eficiência superiores, alterando e regulando constantemente a composição orgânica do capital. Desta forma gera a condição dos trabalhadores ou operários não serem explorados apenas pelos capitalistas que diretamente se relacionam, mas sim, por todo o conjunto da classe capitalista.

Prosseguindo através dos ensinamentos de Marx, pode-se verificar o elemento ainda mais mistificado das relações do processo de produção capitalista, pode-se compreender a existência de um contundente e progressivo afastamento de sua essência interna do modo de produção capitalista, o qual ganha uma importante dimensão se explicitando de forma onipotente no capital a juros, alcançando o último degrau do processo de alienação, a mais clara expressão dos fetichismos do modo de produção capitalista.

“No capital a juros se completa esse fetiche automático, de um valor que se valoriza a si mesmo, de um dinheiro que faz dinheiro, de sorte que, nessa forma, não traz mais o estigma de seu nascimento. A relação social se completa como relação da coisa [dinheiro, mercadoria] consigo mesma” (Marx, 1982, p. 190).

Marx expõe que o capital produtor de juros corresponde a visualização superficial dos fenômenos, uma tradução em conceito da riqueza capitalista que não ultrapassa o nível mais

aparente da realidade do processo, constituído de uma cientificidade insuficiente por definição.

Isto reflete apenas sua aparência superficial pautada no ponto de vista da facção dominante, dos capitalistas, que projetam desta forma uma apologia à justificativa de suas ações, ocultando seus reais interesses.

Desta maneira, se alguém olhar apenas para o capital a juros poderá ver somente uma forma na qual se aplacam suas deliberações e seus elementos reais se tornam invisíveis. Nas palavras de Marx, na relação, “D-D’ temos a forma de capital desprovida de conceito, a inversão e coisificação das relações de produção em sua mais alta potência.” (Marx, 1982, p.195).

O processo do capital a juros pode ser descrito resumidamente da seguinte forma:

O capitalista detentor do capital sob a forma dinheiro (D), detentor do capital em potência, aplica seu capital no mercado de juros, coloca a disposição seu capital para que este capital flua para o processo capitalista de produção, onde ao seguir o caminho percorrido por Marx (1998) em suas pesquisas sobre o modo de produção capitalista, pode-se verificar “que um terceiro” irá tomar emprestado dinheiro, ao alugar determinado valor, irá dispor do capital em seu momento econômico, na sua efetivação produtiva, com este capital materializado sob a forma de dinheiro (D). Através do emprego deste capital, gerador de mais capital ao final do processo (materializado em D’), compra meios de produção (matéria prima) e força de trabalho. Os meios de produção, que no processo produtivo, são manuseados e transformados pelo trabalhador em um novo produto. Tal produto pertence primeiramente a este “terceiro” ao capitalista em seu momento econômico (produtivo), que ao final desse processo, quando vende essa nova mercadoria, tem recuperado o valor utilizado para compra de meios de produção e força de trabalho, acrescido de um excedente, que é usurpado do trabalhador, e, conseqüentemente, acaba por produzir mais-valia, onde uma parte desta referida mais-valia deve ser paga ao dono do capital sob a forma de juros.

Graças ao dinheiro eu possibilito que o outro se aproprie de mais-valia, que receba parte dessa mais-valia. Uma vez que no processo capitalista de produção o valor do capital se eterniza e reproduz, não considerando apenas sua mais-valia, está na ordem das coisas que, sendo o dinheiro ou a mercadoria vendidos como capital, retornem eles depois de um determinado período, ao vendedor, este nunca aliena o dinheiro como uma mercadoria, conservando a propriedade dele. Dinheiro e mercadoria não são vendidos, pois, como o dinheiro ou mercadoria, mas, em segunda potência, como capital, como dinheiro que se incrementa o valor de mercadoria. Não apenas se multiplica, mas se conserva no processo global de produção, conserva-se assim como capital pro vendedor retornando a suas mãos. A

venda consiste em que um terceiro, que utiliza o capital produtivamente, há de pagar ao dono do capital uma determinada parte do lucro, obtido exclusivamente desse capital. É alugado como a terra, na qualidade de uma coisa criadora de valor e que se preserva nessa criação; constantemente retornando e, portanto, podendo voltar para o vendedor inicial somente pelo retorno ao vendedor constitui-se como capital. De outro modo, o teria vendido como mercadoria ou com ele comprado usando-o na qualidade de dinheiro (Marx, 1982, p. 191).

O capital a juros no modo de produção capitalista se expressa como um título de propriedade que irá lhe conferir direito a apropriação da riqueza social, se constitui num título de apropriação do trabalho alheio, num título que garante o direito ao seu detentor apropriar-se da mais-valia, do trabalho não remunerado.

Deliberadamente após este breve esclarecimento do fetiche do capital como produtor de juros, breve esclarecimento este, pois esta pesquisa dedica um capítulo a parte para tratar este tema, pode-se avançar a questão da renda fundiária, devido à exposição do fetiche do capital a juros trazer elementos que facilitam a compreensão do que está além da ideia de que a terra produz renda, onde o aluguel puro e simples do uso da terra deve fornecer um pagamento ao seu proprietário.

Os “juros” constituem o fruto do capital enquanto este não “trabalha”, não funciona, e o lucro, seu fruto no “trabalho”, em funcionamento. Isso é análogo ao caso do capitalista agrícola (farming capitalist), ao mesmo tempo proprietário fundiário, proprietário do solo explorado por ele de maneira capitalista – que atribui aquela parte de seu lucro que forma a renda, aquele lucro acrescido, não à sua pessoa como capitalista, mas a sua pessoa como proprietário fundiário, não ao capitalista mas a propriedade fundiária, de modo que o capitalista deve “renda” a si mesmo como proprietário fundiário. Assim, o capital, numa determinidade, defronta o mesmo capital em sua outra determinidade da mesma maneira fixa, como propriedade fundiária e capital, as quais constituem títulos para a apropriação de trabalho alheio, títulos que estão de fato fundados em dois meios de produção essencialmente diferentes. (Marx, 1982, p 202)

A renda estipulada pelo aluguel da terra se apresenta relacionada com a terra em si, com um elemento da natureza gerador de renda, totalmente desvinculado do trabalho humano, o proprietário fundiário em verdade consiste num capitalista que tem em sua propriedade rural, em sua terra, o trabalho alheio passado apropriado, este é o seu capital em potencia, este é o seu título para apropriar-se da mais-valia sob a forma de renda fundiária.

A renda fundiária obscurece a relação do capital como fonte de se apropriar trabalho alheio, pois pela sua aparência não expressa o capital acumulado efetivado na propriedade da terra, não demonstra que a terra também se constitui num título de apropriação do trabalho

alheio, num título que assim como o capital produtor de juros garante o direito ao seu detentor de apropriar-se da mais-valia, do mais trabalho produzido pelo trabalhador rural.

Tendo aprofundado as pesquisas de Marx sobre os rendimentos e fontes do modo de produção capitalista onde pode-se observar a mais-valia como fonte, o trabalho apropriado como fonte de toda riqueza capitalista. A seguir se retomará a questão da desconstrução do capital produtor de juros a forma mais obliterante da essência do modo de produção capitalista.

## **9. A QUESTÃO DO CAPITAL PRODUTOR DE JUROS**

Conforme exposto anteriormente, o capital produtor de juros em sua observação mais imediata promove a tradução em conceito da riqueza capitalista que não ultrapassa o nível mais aparente da realidade do processo, se expressa como fonte de riqueza autoprodutiva.

“O capital a juros se completa como fonte misteriosa e autoprodutiva de juros, de seu incremento. É sob essa forma que o capital também existe particularmente para representação. É o capital por excelência.” (Marx, 1982, p.190).



O capital, em especial o capital a juros, tem como propriedade ser um título que confere a seu detentor o direito a apropriação da riqueza social, se constitui num título de apropriação do trabalho alheio, do trabalho não remunerado.

No modo capitalista de produção, qualquer soma de dinheiro tem a capacidade de atuar como capital, ou seja, apropriar-se de mais-valia, desde que seja colocada à disposição do capitalista funcionante. (HILFERDING, 1985).

Como forma desvelar a misteriosa obliteração do capital produtor de juros, deve-se adentrar aos elos constitutivos do processo de circulação e de produção, faz-se necessário percorrer o movimento característico do capital, a acumulação de capital, visando observar a essência do capital como produtor de juros, do “fetiche automático do capital a juros”, do valor que se auto valoriza, expressando um movimento endógeno ao próprio movimento de acumulação de capital.

O processo do capital a juros desenvolve-se a partir do momento que o capitalista detentor do capital sob a forma dinheiro, detentor do capital em potência, coloca a disposição seu capital para que este capital flua para o processo capitalista de produção. Assim que o proprietário do capital produtor de juros empresta ao capitalista industrial, cede o valor-de-uso do seu capital-dinheiro de empréstimo para o processo produtivo.

O prestamista (capitalista inserido no processo de produção de mais-valia) de posse do capital produtor de juros transmutado na forma de capital-dinheiro compra as mercadorias, meios de produção e força de trabalho que transformadas em capital produtivo, vão, através da objetivação da força de trabalho sobre os meios de produção (ação esta decorrente do processo produtivo), ser transformadas pelo trabalhador em uma nova mercadoria acrescida com mais trabalho não pago. Com a venda desta nova mercadoria pode-se retornar a forma de dinheiro acrescido do valor apropriado do trabalho alheio, que depois retorna para quem originalmente o despendeu, neste caso o possuidor de dinheiro.

Portanto o capital produtor de juros afasta-se de seu proprietário apenas por um período, passa da posse de seu proprietário apenas temporariamente à posse do capitalista funcionante, não é dado em pagamento nem vendido, mas apenas emprestado. Só é alienado sob a condição, primeiro, de voltar, após determinado prazo, a seu ponto de partida, e, segundo, de voltar como capital realizado, tendo realizado seu valor de uso de produzir mais-valia (Marx, 1982).

O movimento característico do capital, tanto no processo de produção quanto no de circulação, é o retorno do dinheiro ou da mercadoria ao seu ponto de partida, ao capitalista. No movimento real do capital, o retorno é um movimento do processo de circulação. Primeiro, o dinheiro é transformado em meios de produção; o processo de produção transforma-o em mercadoria; mediante a venda da mercadoria é retransformado em dinheiro e nessa forma retorna às mãos do capitalista. Mas o caso do capital portador de juros, o retorno bem como a entrega são apenas resultados de uma transação jurídica entre o proprietário do capital e uma segunda pessoa. Vemos somente entrega e reembolso. Tudo o que ocorre de permeio é apagado. (MARX, 1982, p. 191)

O capital a juros constitui a unificação e obliteração dos processos de produção e circulação. A constituição do ilusionismo pleno das relações capitalistas, a partir do capital portador de juros desenvolve o enigma do nascimento do capital. Ocultam-se as fases do processo embrionário da produção de valor, obliteram-se todas as fases de desenvolvimento desta criatura, elimina-se, apagam-se os elos constitutivos dos processos de produção e circulação, compõe-se a ficção da coisa interagindo consigo mesma, numa relação sem sentido que possibilita algo interagindo consigo mesmo se autovalorizar, a constituição do mistério do processo de criar mais-valor, a constituição do capital por excelência.

No capital a juros, ao contrário, completa-se o fetiche. Este é o capital acabado – portanto, unidade do processo de produção e do processo de circulação – que, por isso, num determinado período de tempo traz um determinado lucro. Na forma do capital a juros permanece apenas essa determinação constitutiva, sem a mediação dos processos de produção e circulação. No capital e no lucro existe ainda a recordação de seu passado, embora a diferença entre lucro e mais-valia, uniformização dos lucros de todos os capitais - (por meio) da taxa geral de lucro – transformem o capital de um modo nada claro numa coisa obscura num mistério. (Marx, 1982,p.190)

A obliteração, a eliminação, o desligamento aparente do capital a juros do processo produtivo é uma ilusão gerada pela visão parcial do processo de aplicação do capital.

O capital que entra no processo produtivo vincula-se neste processo pela compra de força de trabalho e meios de produção, cumpre sua função de garantir a apropriação sobre o trabalho alheio, e retorna ao capitalista com seu valor acrescido sem confrontar sua origem, seja ela somente do capitalista industrial ou oriunda do capital financeiro.

O empregador capitalista, o capitalista funcionante, caso não detenha o monopólio de todos os fatores de produção não embolsa a mais-valia na sua totalidade. Em alguns casos repartirá a mais-valia com demais capitalista. O monopólio do solo permite ao proprietário da terra embolsar uma parte desta mais-valia, sob a denominação de renda territorial, desde que esse sirva a qualquer fim produtivo. Se este capitalista empresta o capital de um terceiro, permite ao capitalista que empresta o dinheiro, reivindicar para si mesmo outra parte

desta mais-valia, sob o nome de juro, de modo que ao capitalista empregador, como tal, só lhe sobra o chamado lucro industrial. (Marx, 1982)

O capital a juros nasce da necessidade de perpétua expansão e valorização do capital para além dos limites de seu processo mais geral e elementar de circulação e reprodução. Sua perpétua expansão depende do proprietário do dinheiro, isto é do proprietário de uma mercadoria em sua forma sempre conversível, alugá-lo como capital. O capital emprestado, alugado é meio de extração de mais-valia, quando o capitalista produtivo trabalha com o capital emprestado.

Como exposto anteriormente, é da natureza do capital a constante exploração das forças produtivas, sendo esta a condição da reprodução do valor em escala ampliada, o capital tem de encontrar meios cada vez mais eficazes de desenvolver e controlar o potencial produtivo com o fim de se apropriar de maior quantidade de trabalho excedente, onde a configuração do capital produtor de juros demonstra-se de enorme eficácia.

Marx (1998) salienta que na base de produção capitalista, o valor de uma determinada soma de dinheiro ou mercadoria, proporciona o poder de extrair gratuitamente um determinado quantum de trabalho dos trabalhadores, o poder de se apropriar de uma determinada mais-valia, mais trabalho, mais produto, o capital a juros é originalmente parte do lucro, isto é, da mais-valia que o capitalista funcionante, capitalista industrial, tem de pagar ao proprietário e prestamista desse capital, à medida que não emprega seu próprio capital, à medida que toma capital emprestado, o dinheiro pode de fato periodicamente pode ser alienado como meio de explorar trabalho, como meio de criar mais-valia.

No desvelar do mistério do capital produtor de juros, observa-se ao adentrar em seu movimento que o possuidor de dinheiro que quer valorizar seu dinheiro como capital portador de juros aliena-o a um terceiro, que deve colocá-lo em funcionamento, lançando-o como capital no processo produtivo; não só como capital para si mesmo, mas para seu sócio; como valor que possui valor de uso de criar mais valia; materializado sob a forma de dinheiro, através do emprego deste capital, gerador de mais capital ao final do processo, compra meios de produção (matéria prima) e força de trabalho.

O emprestador de capital cede ao capitalista industrial a propriedade do dinheiro por um tempo determinado. Aliena seu título de propriedade por um determinado período, e com isso, o capitalista industrial que alugou a propriedade de uma coisa extratora de mais-valia,

depois de aumentar seu valor, após o capital auferir diariamente mais-valia, deve devolvê-lo depois de um prazo livremente contratado, pagar parte desta mais-valia ao prestador.

O juro não é pois nada mais do que parte do lucro [que por sua vez não é mesmo nada mais do que o valor acrescido (surplus value), trabalho não remunerado], que o capitalista industrial paga ao proprietário do capital alheio, (...)a mais-valia pode ser distribuída sob o nome de renda, lucro industrial ou juros, entre ele e outras pessoas – deduz essa parte do lucro de seu próprio rendimento e paga ao proprietário de capital. (Marx, 1982, p 200)

O capital a juros somente se afirma na medida em que o dinheiro emprestado é efetivamente transformado em capital dentro do processo produtivo, e nesse processo produtivo cumpra sua função de apropriar-se do valor excedente para que assim possa retornar ao capitalista sob a forma mais fetichista que se representa nos juros.

O movimento característico do capital, tanto no processo de produção quanto no de circulação, é o retorno do dinheiro ou da mercadoria a seu ponto de partida, ao capitalista. O ponto de partida para o capital é o proprietário de mercadoria, de dinheiro, em resumo o capitalista. Coincidindo nele o ponto de partida e o de retorno, é para o capitalista que (o dinheiro) volta. O capitalista entretanto, existe agora duplamente, como proprietário de capital e como capitalista industrial, que efetivamente transforma dinheiro em capital. (Marx, 1982, p. 191)

A transformação acima mencionada, do dinheiro em capital, começa a partir do momento que o capitalista detentor do capital produtor de juros, ao invés de gastá-lo como dinheiro, o gasta como capital, isto é, entrega ao capitalista industrial. Neste momento o capital passa a existir duplamente, como capital a juros (movimento jurídico) e como capital produtivo (movimento econômico). É o capital produtivo que efetivamente transforma dinheiro em capital.

O capitalista existe duplamente: jurídica e economicamente. Como propriedade ele retorna também, portanto, para o capitalista jurídico. Em virtude de uma transação jurídica especial entre comprador e vendedor, em virtude de o capital ser emprestado ao invés de ser vendido, isto é, alienado apenas temporariamente. O que de fato é vendido é seu valor de uso, que nesse caso consiste em impor valor de troca, produzindo lucro, produzir maior valor que o possuído por ele próprio. Como o dinheiro, não se modifica pelo uso. Mas como o dinheiro é gasto e como o dinheiro reflui. (Marx, 1982, p 192)

A peculiaridade do capital produtor de juros é que seu proprietário cede ao prestamista apenas o valor-de-uso de seu capital, ou seja, sua função econômica; o prestamista mantém a propriedade do capital, sua função jurídica e recebe como recompensa pela cessão do valor-

de-uso de seu capital, uma parte da mais-valia sob a forma de juros, parcela da mais-valia obtida pelo do capitalista produtivo, o qual utiliza a função econômica do capital cedido ao longo do processo de reprodução.

O capital a juros constitui-se como expressão do momento jurídico do capital, como primeiro momento do movimento do capital, corresponde o direito a apropriação da mais-valia, gerado pelo fato do capitalista ser detentor do capital. Pela posse do capital este tem direito a apropriar-se da mais valia na magnitude do valor estipulado no mercado financeiro, no mercado de juros (ou mercado de captação de recursos para aplicação produtiva).

O capital a juros tornou-se mercadoria, o juro é o pagamento pela utilização do valor-de-uso do capital de empréstimo. A taxa de juros, que é o “preço do empréstimo de dinheiro”, encontra-se intermediada pela oferta e demanda de capital monetário, espaço de interação de tomadores e emprestadores de capital, onde a taxa de juros encontra-se delimitada pela mais-valia, encontra seu preço balizado pelo mais-trabalho, restringido e definido pela única forma de existência e aumento da riqueza.

O segundo movimento corresponde ao momento de efetivação do capital dentro do modo de produção capitalista, o movimento econômico, o capital produtivo que deve produzir mais valia, o momento do capital se inserir no processo produtivo.

A propriedade jurídica do capital se separa de sua propriedade econômica, porque a apropriação de uma parte do lucro sob o nome “juro” afluí para um capital em si ou proprietário do capital, inteiramente separados do processo produtivo. O juros pressupõem de imediato o lucro, de que são apenas uma parte inserida numa categoria, numa rubrica especial, e não a mais-valia. (Marx, 1982, p 194)

Esta divisão do capital em suas fases amplia as possibilidades do capitalista que pode estar presente nos dois momentos e se beneficiar da apropriação total da mais-valia ou ter o privilégio de escolher apenas participar do movimento jurídico e não se envolver diretamente no processo produtivo. Isto gera, na visão de Marx, uma sub-função capitalista: a do produtor de mais-valia ou do salário de superintendência de mais-valia.

A sub-função capitalista de superintendência de produção de mais-valia corresponde a função do capitalista durante o momento produtivo, a função de confrontar-se com os trabalhadores para extrair mais trabalho destes. Conforme Marx (1998), as condições de produção apenas são capital se funcionarem como não propriedade diante do trabalhador e, portanto, como propriedade alheia. Como tais, porém, funcionam somente em oposição ao

trabalho. O modo de existência de tais condições, opositiva frente ao trabalho, transforma seu proprietário em capitalista, e tais condições, por ele possuídas, em capital.

A interpretação superficial da atividade de superintendência de aplicação produtiva do capital, do trabalho de superintendência de aplicação produtiva, compreende mais uma vez na obliteração da essência do modo de produção capitalista, consiste na calculada formulação dos economistas vulgares de não tocarem na essência do modo de produção que defendem com afincos. Marx aponta que este trabalho consiste, na verdade, na fiscalização intensa do trabalhador, para que este produza mais do que é remunerado, para que a força de trabalho deste produza um valor superior do que o valor remunerado, um valor excedente: a mais-valia.

O máximo de trabalho que este capitalista exerce é o de explorar diretamente o trabalhador, esta fiscalização acaba por gerar a sub-função capitalista de produtor de mais-valia, possibilita para os apologistas dos ideais da classe dominante a criação do salário de superintendência de mais-valia.

O capital visto sob a forma de capital produtor de juros tem seu caráter opositivo totalmente retocado e apagado, não havendo qualquer oposição ao trabalho, Assim este capitalista tem o privilégio de escolher evitar o desgaste da confrontação direta com o trabalhador, porém alerta Marx põe-se a confrontá-los indiretamente através do capitalista funcionante do superintendente de produção de mais-valia.

Neste ponto, deve-se detalhar a conceituação da aparente divisão entre capital financeiro e capital produtivo, pois Marx demonstra que por trás da aparência dos rendimentos temos uma essência que ao ser desvelada facilita a compreensão do modo de produção capitalista.

O modo de produção capitalista tem necessidade de desenvolver formas que perpetuem a expansão e valorização do capital para além dos limites de seu processo mais geral e elementar de circulação e reprodução. A perpétua expansão do capital depende da eficácia do capital produtor de juros.

Com o propósito de ampliação da eficiência do capital, nasce como elemento decisivo o capital produtor de juros, mecanismo decorrente da lógica interna do capital. Observa-se no atual estágio a junção do capital a juros com a capital industrial, a crescente fusão ou junção das instituições financeiras, dos mercados financeiros com a indústria rumo a consolidação da eficiência plena do capital.

O capital a juros abre espaço sólido para a constituição do capital financeiro de forma a proporcionar a mais alta aproximação dos movimentos, a forma mais evoluída do modo de produção capitalista de aproximar o capital produtor de juros do capital-produtivo, rumo a apropriação de mais-valia. A condição objetivada do capitalista econômico ou produtivo, usufruir do capital produtor de juros (a existência jurídica). A regulamentação concreta da divisão da mais-valia.

O capital a juros é parte integrante desse processo, do processo que desencadeia a formação do capital financeiro e daquilo que este conceito encerra, qual seja as instituições financeiras. Os mercados financeiros “têm como grande atribuição captar e transformar capital-dinheiro inativo em capital ativo, isto é, em capital que rende lucro; reúnem toda a espécie de rendimentos em dinheiro e colocam-nos à disposição da classe capitalista.” (Lênin, p.30, 1987).

Uma particularidade extremamente importante do capitalismo chegado ao seu mais alto grau de desenvolvimento é a combinação entre a integração dos capitais e organização dos capitais de forma unificada na exploração de toda a sociedade: “os capitalistas dispersos acabam por constituir apenas um único capitalista coletivo” (Lênin p.35, 1987).

Os acordos entre os capitalistas expressam uma tendência cristalina, onde a busca pela cooperação torna-se efetiva devido aos interesses comuns na exploração das classes que vivem do trabalho pois os objetivos comuns são muito mais fortes do que as suas diferenças.

Para Hilferding (1985), a partir do momento em que os bancos fornecem capital de empréstimo — portador de juros, para o capitalista produtivo — dá-se dinamismo ao modo de produção capitalista e aumentam-se os vínculos com os industriais. Surge assim, o capital financeiro, que é resultado da transformação de parte do capital monetário ocioso disponível nos bancos em ações das mais diversas empresas atuantes na esfera produtiva.

O capital financeiro corresponde ao avanço da integração entre os capitais dispersos, a recomposição da unicidade das características intrínsecas do modo de produção capitalista, a exploração do trabalhador, abrangendo a junção do capital agrupado dentro da produção e do capital em seu momento jurídico/financeiro, em um grito para que os capitalistas do mundo inteiro se unam a exploração de toda a sociedade rumo a completa fusão entre capital a juros e industrial.

## **10. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa empreende o esforço de resgatar o trabalho de Marx rumo ao entendimento da essência e da aparência fetichizada do modo de produção capitalista. Marx pondera que se a essência pudesse se explicitar na aparência, não seria necessária a ciência.

A mente que busca se livrar da prisão da aparência dos fenômenos econômicos percorre, através da ciência, a busca do conhecimento da essência do mundo econômico capitalista. A aparência não diz o que é do modo de produção capitalista, somente a essência é capaz de dizer em que consiste este modo.

O texto aborda inicialmente a aparência do modo de produção capitalista. Na aparência, o modo de produção capitalista verifica-se como uma relação entre coisas. Os



rendimentos e suas fontes são elencados a partir de correlações diretas, onde a terra por si só produz um rendimento fundiário, o trabalho gera salário, o capital permite obtenção de lucro estendendo-se até o fetiche de mais alta potência da posse do dinheiro: fecundar os juros.

A aparência conforme explicitado por Marx, permite a tradução pelos economistas vulgares de formas que ossificam e fortalecem a conceituação da relação entre coisas, fontes que projetam a intenção de ocultar as relações entre os homens, formas delineadas em consonância com a lógica de ocultar os conflitos do modo de produção capitalista.

A verificação da questão da aparência do modo de produção capitalista compreende a crítica a construção conceitual da relação entre coisas, a qual é intencionalmente dimensionada pelos economistas vulgares e constituída para a propagação de conceitos sobre o modo de produção capitalista em nível superficial, empreendidas rumo a construção objetivada de ideias que permitem obliterar a essência do modo de produção capitalista, que possibilitam a ocultação dos conflitos de classes.

A crítica aos apologistas dos interesses da classe dominante permitiu o avanço nos estudos de Marx da desconstrução da obliteração e no desvelamento da essência do modo de produção capitalista.

Para o Marxismo a essência demonstra que no modo de produção capitalista existe uma relação entre pessoas, relação entre homens pertencentes a uma formação histórica particular da sociedade que evoluem em polos opostos. Por meio das investigações do processo de trabalho no modo de produção capitalista, das investigações sobre o capital, Marx observa a origem de importante contradição social da produção capitalista: a divisão da sociedade em duas classes opostas, o antagonismo entre uma classe que vive do trabalho (proletários, trabalhadores em geral) e outra que vive do trabalho alheio (capitalistas proprietários dos meios de produção, capitalistas industriais ou financeiros “rentistas”).

Conforme exposto anteriormente, a divisão particular da sociedade entre classes antagonicas verificada por Marx consiste na fundamental condição da sociedade sob a égide do modo de produção capitalista.

Apagar o antagonismo criado pelas relações do processo de produção capitalista consiste em importante tarefa para os “economistas vulgares”. O cumprimento eficiente desta tarefa para os “apologistas” dos ideais da classe capitalista permite a solidificação harmônica

da relação entre coisas, possibilitando um almejado afastamento progressivo da constituição interna deste modo de produção.

Revelar a constituição interna do modo de produção capitalista compreende a verificação do desenvolvimento do processo de exploração do trabalho alheio, a transformação do processo de trabalho num processo de auto-valorização do capital, processo de criação e de apropriação da riqueza pelos capitalistas.

Marx, ao promover o resgate da relação entre os homens dentro modo de produção capitalista, estabelece a realidade do confronto entre homens de posições diferentes frente o trabalho, clarifica a relação que promove a divisão da sociedade em classes, na divisão entre capitalistas e trabalhadores. Expõe a deformação do processo de trabalho socialmente necessário, escancara a transmutação do processo de produção de riqueza social, num processo de apropriação da riqueza produzida, no processo de exploração do trabalhador.

A essência do modo de produção capitalista encontra-se na exploração e apropriação do trabalho de forma intensa e contínua pelos capitalistas (classe que vive do trabalho alheio). As relações capitalistas estão pautadas na produção e acumulação de capital, na apropriação da riqueza social pelos capitalistas.

No modo de produção capitalista, o “capital” (trabalho passado apropriado pelos capitalistas) encontra-se a confrontar o trabalho vivo presente (trabalhadores) permitindo e objetivando a exploração do trabalho alheio. O trabalhador assalariado (desvinculado do fruto de seu trabalho) encontra-se no centro do processo de exploração capitalista.

A relação entre capitalista e trabalhador está condicionada pela exploração do trabalhador pelo capitalista.

Para o capital, a captação de trabalho alheio constitui seu anseio e sua disposição mais íntima. O verdadeiro conteúdo do processo de trabalho no modo de produção capitalista encontra-se na apropriação ininterrupta por parte do capitalista do trabalho alheio, na apropriação da mais-valia.

Cabe avançar na questão da produção e apropriação da mais-valia. Salientando as diferenças existentes entre produção e apropriação da mais-valia no modo de produção capitalista. Enquanto a produção da mais-valia encontra-se determinada pela relação entre capitalista e trabalhador, a apropriação esta condicionada pela relação entre capitalistas, relação que permeia a construção de associações, composições e ações que promovam a

máxima eficiência do processo de produção capitalista, a máxima exploração da classe trabalhadora.

Marx em seus estudos denota que o processo de apropriação da mais-valia, alimenta o processo de formação do “lucro capitalista”, o lucro em si é decorrente da relação entre capitalistas, delimitado por um processo de competição entre capitalistas que acaba por nivelar as taxas de lucros e definir a dimensão da apropriação individual dos lucros relacionados a magnitude de capital comandado individualmente.

Os capitalistas devem sempre buscar a eficiência máxima de acumulação e reprodução do capital, assim devido a necessidade de buscar a alocação mais eficiente do capital, os capitalistas não se apropriam diretamente da produção de mais-valia de seus explorados, pois devem alinhar seu capital as especificidades de alocação produtiva de seu recursos, dispondo estes recursos de acordo com as bases técnicas do processo de produção capitalista, isto em decorrência da constante necessidade de alterar composição orgânica do capital para a manutenção da eficiência do modo de produção, assim parte da mais-valia produzida pelos trabalhadores ou operários alocados nos ramos onde a acumulação encontra-se com menor eficiência será realocada em ramos produtivos de eficiência superiores, alterando e regulando constantemente a composição orgânica do capital. Gerando dessa forma a condição dos trabalhadores ou operários não serem explorados apenas pelos capitalistas que diretamente se relacionam, mas sim, por todo o conjunto da classe capitalista.

No lucro desaparece a mais valia pois se estabelece a relação entre capitalistas através da magnitude de seu capital, seu lucro esta relacionado ao montante de capital que comandam e sua apropriação será definida pela proporção deste com o montante de mais-valia produzida por toda a sociedade.

Para ampliação da eficiência do capital, nasce como elemento decisivo o capital produtor de juros, mecanismo decorrente da lógica interna do capital, como exposto anteriormente, o capital deve encontrar os meios mais eficazes de desenvolver e controlar o potencial produtivo com o fim de se apropriar de maior quantidade de trabalho excedente, onde a configuração do capital produtor de juros demonstra-se de enorme eficácia.

O capital a juros constitui a unificação e obliteração dos processos de produção e circulação. A constituição do ilusionismo pleno das relações capitalistas, a ficção da coisa interagindo consigo mesma, numa relação sem sentido que possibilita algo interagindo consigo mesmo poder se autovalorizar, a constituição do capital por excelência.

O processo do capital produtor de juros desenvolve-se a partir do momento que o capitalista detentor do capital sob a forma dinheiro, coloca seu capital a disposição do processo produtivo, se afirma na medida em que o dinheiro emprestado é efetivamente transformado em capital dentro do processo produtivo, e nesse processo produtivo cumpra sua função de apropriar-se do valor excedente para que assim possa retornar ao capitalista sob a forma mais fetichista que se representa nos juros.

O capital visto sob a forma de capital produtor de juros tem seu caráter opositivo a classe trabalhadora totalmente retocado e apagado, busca obliterar qualquer oposição ao trabalho. Porém alerta Marx põe-se a confrontá-los indiretamente através do capitalista operante no processo produtivo.

O capital produtor de juros se desenvolve a partir da interligação entre os capitalistas, possibilita a visualização prática das vantagens obtidas pela integração dos diversos capitais, efetiva os benefícios dos acordos de cooperação entre os diversos capitalistas, se projeta como autêntico representante das intenções de plena exploração das classes que vivem do trabalho; assim o capital a juros abre espaço para a constituição sólida do capital financeiro.

O capital a juros é parte integrante do processo que desencadeia a formação do capital financeiro e daquilo que este conceito encerra. O capital financeiro corresponde ao avanço da integração entre os capitais dispersos, a projeção de completa fusão entre capital a juros e industrial, a efetivação constante e contínua da exploração do trabalhador, em um grito para que os capitalistas do mundo inteiro se unam a exploração de toda a sociedade.

A apropriação da riqueza social, a apropriação da riqueza produzida pelo mundo capitalista deve ser objeto de atenção especial rumo à construção de uma sociedade de novo tipo, de uma sociedade de superação do capitalismo. (Aued,2006 p.29)

No processo de produção capitalista as relações sociais encontram-se pautadas na apropriação da riqueza social, na exploração da classe trabalhadora, pautada na eficiência econômica deste processo de produção. Com todos os elementos apresentados o modo de produção capitalista desenvolve a impossibilidade da manutenção da vida humana em condições aceitáveis, assim faz-se necessário construir um processo de superação da condição exploratória e deterioração das condições de vida de forma ampliada sendo necessária a constituição de um homem de novo tipo de uma sociedade de novo tipo.

Sociedade onde as relações sociais possam ser pautadas sobre a ótica da melhoria das condições humanas, do desenvolvimento de um sistema que promova melhores condições nas

formas das pessoas produzirem e reproduzirem sua vida, contrapondo a essência exploradora do modo de produção capitalista.

O capital em seu movimento dentro do modo de produção capitalista é a força social que impulsiona a produção e reprodução da existência humana, porém sua constituição interna de exploração dos homens que vivem do trabalho constitui-se um enorme obstáculo a emancipação da sociedade.

Para pesquisas futuras recomenda-se ampliação conceitual do processo de constituição do capital financeiro e sua íntima relação com o processo de exploração da classe trabalhadora, bem como verificar perspectivas de superação do capitalismo, rumo a construção de uma sociedade de novo tipo.

## REFERÊNCIAS

*ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.*

AUED, Idaleto Malvezzi. **Cultura Socialista: Os desafios da conjuntura programa e a estratégia de construção do socialismo.** 2006.

BRUE, S. L. **História do pensamento econômico**. São Paulo: Thomson, 2006.  
BUCHHOLZ.

COLAUTO, Romualdo Douglas; BEUREN, Ilse Maria. **Coleta, análise e Interpretação dos Dados**. In: BEUREN, Ilse Maria (org). *Como elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade*: Teoria e Prática. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

GREMAUD, A. P. et al. **Manual de introdução à economia**: equipe de professores da USP. São Paulo: Saraiva, 2006.

HILFERDING, Rudolf. **O capital financeiro**. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

IRWIN, William. **MATRIX: Bem Vindo ao Deserto do Real**. Editora Madras - São Paulo, 2003.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1993.

LÊNIN, Vladimir Ilich. **O Estado e a Revolução**. Editora Hucitec - São Paulo, 2007.

LÊNIN, Vladimir Ilich. **O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo**. Editora Global – 4.ed. São Paulo, 1987.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política do capital**: Salário, preço e lucro: O rendimento e suas fontes: A economia vulgar. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 5ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1980 v. 2

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 7ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998 v. 1

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 6ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1996 v. 3

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. 28ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011 v. 1

MARX, Karl. **O Manifesto Comunista**. 17ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A, 2007.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I, Volume II. São Paulo: Difusão Editorial, 1982.

PINDYCK, R.S.; RUBINFELD, D.L. **Microeconomia**. 5ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

PRADO, Eleutério. **Desmedida do valor**: crítica da pós-grande indústria. São Paulo: Xamã, 2005.